



Imprensa sindical na (des)construção da identidade dos trabalhadores na sociedade contemporânea: uma análise de conteúdo de jornais sindicais em Juiz de Fora – MG¹

Nelson Toledo Ferreira²
Universidade Federal de Juiz de Fora

Resumo

O presente texto busca refletir sobre como as transformações sociais do mundo contemporâneo afetam a construção da identidade profissional e como se dá a relação desse processo com a mídia sindical. Apresentam-se os resultados da análise de conteúdo de dois jornais sindicais da cidade de Juiz de Fora-MG: foi observado que as matérias criam uma representação idealizada dos trabalhadores, o que dificulta a auto-percepção dos mesmos num contexto de multiplicidade identitária. Com isso, acredita-se que esta abordagem jornalística pode produzir desmobilização dos trabalhadores em outros períodos que fogem à data-base da categoria.

Palavras chaves: identidade profissional; sindicatos; imprensa sindical

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para Cidadania do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Mestrando da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: neotolledo@uol.com.br



1. Introdução

O artigo faz uma reflexão sobre o papel da imprensa sindical na reconfiguração da identidade profissional, afetada pela fragmentação social e política da sociedade contemporânea e pela consequente redução do espírito de classe – fenômenos relacionados a questões como a fragmentação das relações sociais e do mercado de trabalho. Parte importante do processo de socialização dos indivíduos desenvolve-se no ambiente de trabalho, local onde o trabalhador chega a ficar mais tempo do que em sua própria casa.

Este contato permanente e contínuo interfere na identidade pessoal e coletiva e cria uma rede de significações na construção da realidade vivida por estes indivíduos. No entanto, o contexto social em que vive o indivíduo contemporâneo também cria marcas identitárias que não devem ser relegadas a um plano secundário no entendimento do perfil deste novo trabalhador.

A reflexão deste artigo parte do pressuposto de que esta identidade profissional está estreitamente ligada ao dinamismo da própria transformação da conjuntura econômica, política e social da pós-modernidade, que passa a ditar novos paradigmas. Numa sociedade marcada pelo fugaz, temporário, cambiante e fluído, retalha-se a unicidade dos trabalhadores contemporâneos em uma multiplicidade de papéis sociais e representações.

As entidades de classe costumam buscar, em suas construções narrativas (que reverberam inclusive nas publicações que editam) um discurso de unidade sobre a suposta identidade coletiva, com características peculiares das categorias e um tipo idealizado de trabalhador historicamente. Constroem uma realidade marcada por um senso comum relacionado ao mercado de trabalho, a valores e estilos de vida, a diferença dos interesses dos trabalhadores com os da classe patronal e do Governo, além de tentarem incutir a idéia de união de forças para combater a exploração da mão-de-obra no processo de produção e conseguirem avanços numa sociedade que “defendem” como injusta e excludente.

Por outro lado, os trabalhadores convivem com os impactos da política neoliberal, que atinge a maioria dos países do ocidente; com a globalização e seus novos parâmetros do mundo contemporâneo, que estimula a competitividade entre os companheiros de trabalho, a multiplicidade de saberes e de funções, a flexibilidade das



relações de trabalho, o mercado informal, a fragmentação das relações sociais e as crises das instituições.

Diante deste quadro, cria-se o paradoxo de discursos: de um lado, um discurso classista que clama pela unidade (sem se dar conta da real diversidade identitária presente em qualquer categoria); de outro, um discurso da ordem (de matriz individualista e liberal) que afeta o espírito de classe e de união dos trabalhadores, enfraquecendo a solidariedade entre eles.

Desta esquizofrênica realidade discursiva, emerge a desmobilização. Um dado que chama a atenção na época atual é a redução das taxas de sindicalização no Brasil e em outros países, como indica pesquisa do economista Márcio Pochmann, da Universidade Federal de Campinas. O estudo³ revelou que na última década a taxa de sindicalizados reduziu-se em 18% no Brasil, por uma série de motivos que iremos abordar no presente artigo.

Parte-se aqui do pressuposto que um dos fatores que fazem com que os sindicatos tenham dificuldades em aglutinar forças e novas lideranças é a insistência em um discurso ultrapassado, sem a necessária reflexão sobre essa infinidade de novos campos de batalhas e bandeiras de lutas. Supõe-se aqui que, ao propagar na imprensa sindical um modelo idealizado do que é ser trabalhador (com as respectivas expectativas quanto a suas posturas), ignora-se que essa representação na maioria das vezes não corresponde à realidade, sobretudo num contexto multidentitário como o da sociedade contemporânea.

Pretende-se, no presente artigo, avaliar estas questões a partir da análise de conteúdo de dois jornais sindicais da cidade de Juiz de Fora – os jornais do Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Transporte Coletivo Urbano, Intermunicipal, Interestadual, Fretamento e Turismo de Juiz de Fora-MG (filiado à Nova Central Sindical dos Trabalhadores); e do Sindicato dos Professores de Juiz de Fora-MG (filiado à Central Única dos Trabalhadores).

2-Linguagem, construção de identidades e os desafios contemporâneos para o mundo do trabalho

³ O diagnóstico faz parte de uma pesquisa preparada pelo economista Márcio Pochmann, professor da Unicamp e ex-secretário do Trabalho da Prefeitura de São Paulo no governo Marta Suplicy (2001-2004), que fez um balanço da sindicalização urbana no Brasil desde o começo do século 20.



A relação entre produção de discursos e construção de identidade é a base para entender como a linguagem é fundamental no desenvolvimento dos indivíduos na sociedade. É através da linguagem que a realidade é socialmente absorvida pelos indivíduos, o que remete à importância do processo comunicacional. A socialização dos sujeitos implica a construção de valores, crenças e juízos, enraizados em etapas da sua vida. É a partir destes critérios socialmente ofertados que os indivíduos decidem suas ações e comportamentos durante outras fases de seu desenvolvimento como um sujeito ativo na sociedade.

O indivíduo vai construindo sua realidade de forma contínua e dinâmica, confrontando situações, experiências passadas com o dia-a-dia. Esta carga de conhecimento, que é cumulativa ao longo de anos de existência, acaba sendo o pilar do indivíduo enquanto pessoa, e, conseqüentemente, influenciando sua formação, atuação e desempenho profissional. Através da interação com outros indivíduos do seu grupo de convívio e de outros, que são construídas estas redes de significação da realidade, pois a marcação do que é igual e diferente é condição básica para a formação identitária. Estas são as premissas da corrente do interacionismo simbólico⁴.

A fenomenologia de Alfred Schüt, teórico austríaco, em sua primeira obra datada de 1932, baseada na obra de Max Weber, “Fenomenologia no mundo social”, ampara a importância da linguagem e dos discursos criados neste processo constante de interação social. Para este autor, a linguagem é uma ferramenta básica na interpretação do cotidiano. Para Schüt a realidade social é:

A soma dos objetos e dos acontecimentos do mundo cultural e social, vivida pelo pensamento de senso comum de homens que vivem juntos numerosas relações de interação. (...) Desde o princípio, nós, os atores no cenário nacional, vivemos o mundo como um mundo ao mesmo tempo de cultura e natureza, não como um mundo privado, mas intersubjetivo, ou seja, que nos é comum, que nos é dado ou que é potencialmente acessível a cada um de nós. E isso implica a intercomunicação e a linguagem (Schütz apud Coulon: 1995 , p.12)

Em toda sociedade, os indivíduos adotam frequentemente padrões comportamentais direcionados para preencher as expectativas do outro sobre sua própria conduta. Uma espécie de representação teatral, como afirma Erving Goffman (2007).

⁴As idéias principais desta corrente foram desenvolvidas pela obra de George Herbert Mead (1863-1931), um psicólogo social ligado à filosofia pragmatista norte americana.



Para o autor, a vida em sociedade opera por meio de suas representações, suas dramatizações, suas platéias, suas estratégias persuasivas, suas interações. O homem se constrói socialmente representando os papéis que dele se esperam – e o mundo do trabalho é uma das fontes fundamentais de oferta desses códigos de comportamento. As identidades profissionais são parte essencial do complexo identitário de qualquer indivíduo.

Como sustenta Stuart Hall (2000) as identidades não são naturais ou essenciais, e sim narrativas, representações simbólicas construídas socialmente. O estudo da identidade envolve o pessoal e o social. No primeiro caso, a identidade passa pela construção individual do conceito de si, enquanto que a social trata do conceito de si a partir da vinculação da pessoa a grupos sociais.

O sociólogo polonês Zygmunt Baumann (2005) recoloca a questão da identidade nos dias atuais, reafirmando que vivemos numa sociedade marcada por insegurança e incertezas, o que faz com que nossas identidades sociais, culturais, profissionais, religiosas e sexuais sofram um processo de transformação contínua. Baumann discorre sobre os impactos da modernidade “líquida” na constituição das identidades.

Ele enfatiza que a identidade profissional do trabalhador contemporâneo sofre interferências das mais diversas – deste modo, Baumann critica uma discursividade marcada pela mera redução da identidade do trabalhador ao viés econômico, num processo reducionista.

É fato que os sindicatos de trabalhadores passam por um período de transição, uma vez que o perfil do trabalhador mudou na pós-modernidade juntamente as novas características do mercado de trabalho, mais fluido, mais dinâmico, mais instável. O número de profissionais com empregos formais e de carteira assinada já é equivalente ao trabalho informal. A maioria dos trabalhadores urbanos não se aglutina mais em fábricas.

O trabalho imaterial, que produz conhecimentos ao invés de produtos, pode ser feito dentro de nossas próprias casas, sem horários pré-definidos. Os movimentos reivindicatórios dos trabalhadores passaram a ser mais de caráter intelectual-político do que ações políticas como greves, piquetes e outras formas mais radicais (que podem, em contextos específicos, ser ainda formas eficientes de luta, mas não necessariamente o são de modo indiscriminado). O fato é que o cenário de atuação dos sindicatos mudou – e isso se relaciona com o problema da identidade do trabalhador.



Neste novo contexto transnacionalizado, a organização dos trabalhadores, através dos sindicatos laborais, perdeu força de coesão. Afinal, como discutir políticas de proteção e ideologias de solidariedade de classe se as empresas rompem a cada dia fronteiras e se adequam a estruturas trabalhistas dos mais diversos países ao mesmo tempo? Como dar respostas à fragilidade de empregos e às exigências de dinamismo nas carreiras profissionais, que obrigam a um constante deslocamento de projetos e ambientes de trabalho? Este é um retrato com o qual os sindicatos têm de conviver, o que resulta um impacto muito grande em suas estratégias de organização e mobilização.

Estudo do economista Marcio Pochmann, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), revelou que as taxas de sindicalização foram reduzidas em todo o mundo a partir da década de 90, como resultado de vários fatores como a tercerização da mão-de-obra, estabilidade na economia e crescimento do número de mulheres no mercado de trabalho. As entidades que cresceram o número de filiados foram as do serviço terceirizado, permitindo a construção das bases de uma nova fase de atuação no sindicalismo, o que demonstra também esta mudança na concepção de mercado de trabalho.

Os serviços terceirizados representam aqueles profissionais autônomos, que fogem das regras do mercado formal, devidamente registrados em carteira. Outro ponto que merece atenção é a pulverização de pequenos sindicatos e associações profissionais, reforçando mais um caráter assistencialista do que de mobilização e de consciência sobre os desafios profissionais das categorias.

Portanto, o quadro é inequívoco: cada vez maiores são as dificuldades de, diante do novo cenário, os sindicatos serem capazes de organizar e mobilizar suas categorias. Novas identidades múltiplas – e não mais apenas a tradicional e supostamente uma construção identitária do trabalhador – emergem cotidianamente. A imprensa sindical hoje feita dá conta dessas questões? É que se discute a seguir.

3 - A construção da identidade do trabalhador pela imprensa sindical: politização e afastamento de temas do cotidiano

A análise de conteúdo aqui apresentada centrou-se em duas publicações: *Sinttro Notícias* e *Diário de Classe*, respectivamente dos Sindicatos dos Trabalhadores em Empresas de Transporte Coletivo Urbano, Intermunicipal, Interestadual, Fretamento e



Turismo de Juiz de Fora (Nova Central Sindical dos Trabalhadores) e dos Professores de Juiz de Fora (Central Única dos Trabalhadores).

O objetivo central foi apontar qual representação dos trabalhadores era feita pelos jornais, agrupando as matérias em três grupos temáticos: trabalhador como agente econômico (inferências sobre a relação produção e mão de obra), agente social (inferências sobre direitos e deveres) e agente político (sujeito com poder de transformação social). Buscou-se ainda uma classificação dos textos enquanto gêneros jornalísticos, enquadramento das matérias de acordo com temas, além de palavras, clichês e figuras narrativas que aparecem com frequência nas matérias.

As publicações são de períodos que antecedem as negociações de data base. Como em alguns momentos os jornais sindicais são substituídos por boletins ou os chamados “mosquitinhos” – nome derivado da possibilidade de passar de mão em mão dos trabalhadores em tempo mais rápido -, optou-se pela delimitação de períodos nos quais as publicações eram mais completas. Deste modo, foram avaliados o *Sinttro Notícias* de novembro de 2008 e o *Diário de classe*, de abril de 2009.

Estes jornais analisados, como a maioria deste tipo de mídia, não possuem periodicidade regular, por falta de recursos financeiros, o que compromete ainda mais a relação do público-alvo com seus discursos por não ser produzidos de maneira rítmica e frequente – talvez, com isso, dificultando ainda mais a construção de uma identidade coletiva dos trabalhadores.

Com efeito, a questão da identidade é um processo constante de construção e desconstrução, em que os atores irão mudar seus posicionamentos e suas práticas discursivas, dependendo das situações interativas (Duarte, 1985, p-300-301). Necessário se faz que esta interação seja frequente para que se atinjam os efeitos desejados de construção de um espírito de classe ou de personalidade profissional.

É sabido que todas as mudanças culturais e comportamentais são lentas e gradativas para se tornarem sólidas. Se a definição antropológica de cultura toma o conceito como um conjunto de normas, valores, regras, costumes, artefatos de criação e o cultivo e produção de diversos modos de vida dos diferentes grupos sociais. É forçoso concluir que a construção de uma cultura profissional ou de classe demanda a socialização de discursos.

Como “os seres humanos são seres interpretativos, instituidores de sentidos” (Hall,1997, p.16), a imprensa sindical tem um papel relevante na oferta de uma



narrativa para a categoria a que se destina. Deve acreditar também que os trabalhadores não são meros receptores passivos destas discursividades.

Em tese, para construir sentido, estes discursos das mídias sindicais deveriam tratar de temas do cotidiano dos trabalhadores, para que eles se identificassem e criassem laços com estes tipos de publicação. Desta forma, as entidades conseguiriam atingir as suas bases com mais propriedade do que através de termos clichês e um discurso político demagógico, mais publicitário de ações dos líderes sindicais do que de análise do contexto que está inserido os trabalhadores.

Percebe-se, contudo, que esta não é a opção preferencial do jornalismo sindical. Como ilustram as tabelas abaixo, nas edições dos dois jornais analisados, que há uma hipertrofia (provavelmente idealizada) da dimensão política dos trabalhadores, em detrimento de discussões cotidianas que talvez fossem mais demandadas pela base.

Tabela 1

	<i>Sinttro Notícias</i> – 4 páginas	<i>Diário de Classe</i> - 8 páginas
Textos veiculados	6 - 100%	15 – 100%
Trabalhadores como agentes sociais	0- 0%	3 – 20%
Trabalhadores como agentes políticos	4 – 67%	6 – 40%
Trabalhadores como agentes econômicos	2 – 33%	5 – 33%
Outros	0 – 0%	1- 1%

Tabela 2

	<i>Sinttro Notícias</i>	<i>Diário de Classe</i>
Matérias veiculadas	6 – 100%	15 – 100%
Política	6 – 100%	6- 40%
Economia	0 – 0%	7 – 47%
Sociedade	0- 0%	0 – 0%
Cultura/Entretenimento	0- 0%	1 – 7%



Saúde	0- 0%	0 – 0%
-------	-------	--------

Pelos resultados da análise de conteúdo, percebe-se que o trabalhador é visto como agente político em 67% das matérias do jornal *Sinttro Notícias* e 47% no *Diário de Classe*, confirmando o caráter primordialmente político e não informativo das publicações. Como agentes econômicos, os percentuais empatam nas duas mídias com 33%. Revela-se que o econômico sustenta o político e vice-versa nestas publicações, tornando-se, muitas vezes, difícil separar os dois conteúdos.

A temática política é forte com 100% no *Sinttro Notícias* e no *Diário de Classe* existe uma divisão com 40% nas abordagens políticas e 47%, nas econômicas. No jornal *Diário de Classe*, uma única matéria intitulada “*O samba, agoniza mas não morre*”, entrou nesta classificação inicial como outros tipo de abordagem por se tratar de um conteúdo que foge aos três indicadores iniciais da tabela acima.

O político e o econômico aparecem como mote principal dos textos destes jornais, demonstrando que os temas cotidianos ficam relegados a um segundo plano. Força-se uma idealização do trabalhador vinculado a características de indivíduos inseridos exclusivamente na relação produção e trabalho, uma vez que o desempenho de sua função depende de ações políticas para fazer valer seus direitos e não ser explorado pela classe patronal - o significado desta luta contra a mais-valia remete-se aos aspectos econômicos, de perda ou ganho financeiros, como salários e outros benefícios incorporados em seus contratos de trabalho.

Portanto, o trabalhador não é visto como um indivíduo além desta esfera “capital versus trabalho”, reproduzindo uma visão de um momento do movimento sindical bastante distinto do atual. É fato que o processo de redemocratização iniciado no país na década de 80 fez com que os sindicatos mudassem seu perfil de atuação na luta pelos direitos dos trabalhadores, uma vez que muitas conquistas trabalhistas começaram a ser incorporadas pelo Estado.

No entanto, o que se percebe é que muitas entidades e centrais sindicais insistem em um discurso exclusivamente classista, sem a incorporação de debates sobre as progressivas mudanças na concepção de trabalho e, menos ainda, sem a incorporação de uma visão mais multifacetada da identidade do trabalhador – certamente mais complexa do que aquela projetada no discurso da imprensa sindical.

Classificando as publicações sindicais como comunicação popular, pois se inserem num modelo diferenciado dos meios massivos pelas suas características

enquanto meio crítico de leitura da realidade e impulsionador de mobilização social Cícilia Peruzo aponta que se deve buscar a capacidade de aglutinar forças e fomentar a participação:

Assim, há que se tornar a comunicação popular em seu entorno, onde, necessariamente, ela será captada não como uma ilha isolada, mas como algo que tem suas especificidades e se relaciona com a sociedade, convive com ela e dela usufrui mais amplamente. E também ser verá que o popular não é homogêneo, porque é pluralista e histórico. Importa que ele seja apreendido em seu contexto, entendendo-se em seu interior a cultura. (Peruzo, 1999, pág. 137)

Na discussão sobre a importância das experiências pessoais para forçar uma identidade do grupo, Thompson (1981) afirma que a cultura está relacionada à experiência. “As pessoas não experimentam sua própria experiência com ideias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos, ou (...) como instinto proletário etc”. De acordo com o autor, “as pessoas também experimentam sua experiência como sentimentos e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco e reciprocidade, como valores ou (...) na arte ou nas convicções religiosas” (Thompson, 1981, p.189)

Logo, fica evidente que a omissão de temas do cotidiano cultural dos trabalhadores na imprensa sindical afasta-os dela e da própria mobilização. A análise de conteúdo destas duas publicações de Juiz de Fora revela o que acomete a outras entidades sindicais no país, que não conseguem atingir suas bases com efetividade por esta visão simplista no tratamento da identidade do trabalhador.

A preocupação em atrelar seus textos e informações meramente aos aspectos políticos e econômicos da vida destes trabalhadores faz com que haja uma ocultação de outras temáticas do cotidiano que poderiam ser utilizadas nesta construção identitária das categorias. Afinal, além de trabalhadores, eles são cidadãos que possuem raízes de pertencimento a outros grupos sociais como família, escola, sexualidade, religião.

Os autores Peter Berger e Thomas Luckmann (1985) reafirmam que o indivíduo está sempre ciente de que o mundo é resultado de realidades múltiplas, e que o conhecimento comum é o conhecimento do indivíduo compartilhado com outros no seu cotidiano, que é auto-percebido. Berger e Lukmann enfatizam que a realidade social é construída por meio das relações sociais e a interpretação simbólica do cotidiano, realizado principalmente pela linguagem, pela internalização de papéis e a formação de identidades individuais.



É através destes processos que são determinadas as ações sociais, considerando as motivações pessoais e a liberdade subjetiva dos indivíduos. “Desta maneira a linguagem marca as coordenadas de minha vida na sociedade e enche esta vida de objetos dotados de significação”, afirmam Berger e Luckman, ao relacionar a linguagem com a vida cotidiana. A linguagem é fundamental para a troca de experiências da vida cotidiana através do simbólico, construindo espaços de significação e esta noção de senso comum.

A produção de sentido de pertencimento a determinada categoria através das mídias sindicais também deveria se fazer por elementos comuns na vida dos indivíduos como problemas de saúde, sexualidade, religião, educação, necessariamente sem que o caráter eminente político saltasse à frente destas temáticas em qualquer circunstância. Pela análise de conteúdo percebe-se o contrário, estas temáticas são excluídas das publicações ou aparecem em número proporcionalmente ínfimo em relação à política e à economia.

Se analisadas do ponto de vista do gênero jornalístico utilizado (vide tabela 3), as duas publicações aqui avaliadas também negligenciam possibilidades de ofertar conteúdos dos quais os trabalhadores carecem. O gênero notícias lidera nas duas publicações com 83% e 47% nos jornais dos trabalhadores rodoviários e dos professores, respectivamente, reproduzindo um modelo dos meios massivos com mais quantidade do que qualidade no tratamento das informações.

Ou seja, perde-se a chance de dar tratamento diferenciado ao material jornalístico e acaba-se por ofertar mais daquele gênero que os trabalhadores já recebem da grande mídia – e com a ressalva de que os assuntos nestas publicações sindicais giram exclusivamente torno do político e econômico, não permitindo variedades temáticas como as grandes mídias.

Quanto à linguagem utilizada (vide tabela 4), percebe-se que os clichês usados pelas mídias sindicais se fazem presentes nestas duas publicações, reforçando um perfil tradicional dos sindicatos de trabalhadores e seus discursos junto aos trabalhadores de décadas atrás. O termo classe econômica ou trabalhadores chega a ser o mais usado nas publicações, 15 vezes no jornal dos professores e 08, no dos rodoviários. Outro termo que se destaca nas duas mídias sindicais é *categoria*, seguido de *luta e mobilização*. Tais resultados reforçam o caráter mais doutrinário e político do que informativo destes jornais.



Tabela 3

	<i>Sinttro Notícias</i>	<i>Diário de Classe</i>
Textos veiculados	6 – 100%	15 – 100%
Notícias	5 – 83%	7 – 47%
Reportagens	0 – 0%	6 – 40%
Artigos/Editoriais	1 – 16%	2 – 13%

Tabela 4

	<i>Sinttro Notícias</i>	<i>Diário de Classe</i>
Categoria	6	2
Luta	5	4
Resistência	0	2
União	2	0
Exploração	1	4
Imperialismo	0	1
Reivindicações	2	4
Classe trabalhadora	8	15
Mobilização	1	5
Política	4	6

O tom discursivo utilizado acaba por mais afastar do que aproximar os trabalhadores de seus órgãos representativos. Retomando Cicília Peruzzo:

Com o tom pesado, relaciona-se a instrumentalização que se faz dos meios de comunicação populares. Ou seja, eles geralmente são utilizados para um fim, como a conscientização, mobilização/transformação da sociedade, e ao mesmo tempo, negam-se em parte suas características e as mediações de contexto. É, por exemplo, o horóscopo sendo desviado de suas denotações sentimentais e direcionado para objetivos mobilizadores. É o rádio e o jornal não dando vez – ou fazendo de forma muito restrita – a amenidades e ao entretenimento, ou seja, às dimensões do sonho, que também são necessidades humanidade, lado a lado com as de moradia, vestuário, alimentação, educação, saúde, etc. (...) mais espaços para o lazer, o deleite e a fantasia, poderiam ajudar a conferir maior atratividade aos micromeios, já que fazem parte do mundo dos anseios e dos interesses das pessoas, na busca de felicidade. (Peruzzo, 1999, p. 151)



As mídias sindicais continuam reproduzindo um modelo de sindicato e de discurso de décadas atrás, sem se modernizarem. Numa era de fragmentação identitária dos indivíduos, faz-se necessário utilizar este tipo de mídia para construir uma relação mais duradoura e sólida com seus públicos alvos, e não apenas em períodos de negociação salarial e data-base. Elos que não se fazem apenas pelo viés econômico e político, mas que podem usar cultura, entretenimento, comportamento e outras variedades temáticas para informar e formar o trabalhador contemporâneo para atuar em diferentes esferas sociais. Até mesmo o mercado de trabalho exige, na contemporaneidade, esta performatividade do indivíduo.

No mais, o movimento de desestruturação do mercado de trabalho enfraquece a sindicalização, impedindo que os sindicatos possam realizar suas atividades uma vez que eles se defrontam com autônomos, desempregados e os assalariados do mercado informal, sem registro em carteira. A própria legislação favorece que os trabalhadores, sindicalizados ou não, recebam benefícios em acordos coletivos de trabalhos, minando qualquer aproximação dos Sindicatos laborais com trabalhadores.

Muitos pisos de fábricas e corredores de escritórios se tornaram um palco de uma competição acirrada entre os indivíduos lutando para que seus chefes os percebam e os contemplem com um aceno de aprovação – em vez de serem, como no passado, estufas de solidariedade proletária na luta por uma sociedade melhor. Como descobriu Daniel Cohen, economista da Sorbonne, agora é a vez de cada empregado mostrar, por iniciativa própria, que é melhor do que pessoa mais próxima, que está trazendo mais lucro para os acionistas da companhia, de modo que valeria a pena mantê-lo quando viesse, como deveria vir, uma nova rodada de “racionalização” (leia-se: mais demissões por excesso de pessoal). (Baumann, 2001, p. 41)

A análise da reconstrução da identidade profissional dos trabalhadores neste início de milênio é marcada não só por questões econômicas, mas principalmente, por questões de reformulação das relações sociais entre os trabalhadores e seus ambientes de trabalho e a construção de um novo modelo de sucesso profissional, pautado pelo individualismo, pelos processos fragmentados e curtos de projetos de vida, cujos espaços e tempo são tão velozes quanto a dinâmica da sociedade contemporânea. Até para que seja possível se contrapor a esta visão, é preciso antes admitir que ela existe. A imprensa sindical parece negar isso.

4 - Considerações finais



Citando Stuart Hall (2000) ao contrário das sociedades antigas, tradicionais, que tinham papéis sociais bem definidos, atualmente, somos membros dos mais diversos grupos sociais e nosso processo de socialização passa por esta capacidade de transitar nos mais diversos espaços. A própria mudança da noção de espaço-tempo, reflete este dinamismo de representações sociais e este pluralismo reforça a existência de uma gama de identidades em um só sujeito.

As publicações das entidades sindicais deveriam servir como instrumentos de conscientização política para suas categorias – contudo, ao fazerem a opção de não variarem suas abordagens temáticas (temas como relacionamento, sexualidade, ensino, saúde, cultura, entretenimento), afastam-se de suas bases.

Pela análise de conteúdo aqui apresentada, foi observado que todos os textos dos dois jornais sindicais de Juiz de Fora avaliados reforçam um vínculo identitário baseado exclusivamente no sentido político ou econômico. Reproduz-se e consolida-se um modelo idealizado do trabalhador da categoria, negligenciando-se informações relacionadas à saúde, entretenimento, mercado de trabalho ou variedades não têm espaço neste tipo de mídia.

Não existem pesquisas recentes sobre o número de jornais sindicais que circulam no país. A pesquisadora Maria Nazaré Ferreira (1995) afirmava, em 1988, que a imprensa sindical chegava a 12 milhões de jornais, boletins, revistas e outros veículos. Tal expressividade deste tipo de comunicação exige reflexões acerca dos discursos que são repassados na construção social da identidade do trabalhador.

Não é se tornando sua comunicação massante, enfadonha e com resquícios demagógicos pelo uso de termos e clichês que o sindicalismo brasileiro há de superar seus atuais desafios. Para efetivamente resgatar valores de cidadania, democracia e participação, é preciso que o discurso seja atualizado e o debate sobre multiplicidade identitária transforme-se na interface-chave para fazer com que estas mídias consigam, efetivamente, atingir suas bases.

5. Referências

BAUMANN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ediror, 2005

BAKHTIN, Michael. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo, Hucitec, 1979



- BERGER, Peter L & LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. 27 ed.; tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis, Vozes, 2007
- CARDOSO, Adalberto Moreira. “**A filiação sindical no Brasil**”. Dados - Revista de Ciências Sociais. Vol.44, Nº 01, 2001
- COULON, Alan. **Etnometodologia**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves, Petrópolis, Vozes, 1995
- DUARTE, L.F.D. **A volta da identidade (e do seu jogo fascinante)**. In: R.C de Oliveira, Anuário Antropológico 85. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro,p.295-310.
- FERREIRA, Maria Nazareth (org). **O Impasse da comunicação sindical: de processo interativo a transmissora de mensagens**. São Paulo: Cebela, 1995.
- GOLFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis, Vozes, 2007
- HALL, Stuart. **A Identidade na pós-modernidade**. Tradução Tomaz da Silva – 4ª Ed. Rio de Janeiro, DP&, 2000.
- _____. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções do nosso tempo**. Educação & Realidade. Porto Alegre: UFRGS/faced, v.22, n.2, jul/dez,1997, pg.15-46.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. 8ª edição. São Paulo, Loyola, 1999
- PERUZZO, Cícilia. **Comunicação nos movimentos populares- a participação na construção da cidadania**. Petrópolis, Vozes, 1999.
- POCHMANN, Márcio. “Os desafios do Sindicalismo Brasileiro nesse final de século”. **Revista de Sociologia e Política**, nº 10-11, pp 139-152, 1998
- SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença - A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis,Vozes, 2005
- THOMPSON, E. **A miséria da teoria – ou um planetário de erros**. Trad. De Waltensir Dutra. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- .